

Instituto Sedes Sapientiæ
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 7 – 23.04.2015

Assunto principal: Continuação do estudo da posição insular matriarcal. A função estruturante do fogo, a Industrialização e a Fissão Nuclear.

Texto de referência: Psicologia Simbólica Junguiana, pp. 54-62, 143-166 e 183-196.

Filme: *A Guerra do Fogo*, direção de Jean-Jacques Annaud, 1981.

Livro: *Catching Fire: How did cooking made us human*, de Richard Wrangham.

Livro: *Mitologia Grega* – Tomo 2 – Junito de Souza Brandão.

Boa noite a todos.

Continuaremos o estudo da segunda inteligência dos arquétipos regentes da elaboração simbólica arquetípica do Ser, expressa pela **posição insular matriarcal**. Quero chamar a atenção de como essa inteligência liga a parte com o todo na vida diária e no mito. Aparentemente ela é muito restrita, pois como o Ego é intimamente ligado ao Outro isso dá uma grande **propensão ao apego e à literalidade**, o que faz parecer que esta posição seja incompatível com a abstração e até mesmo com a simbolização.

Paradoxalmente, porém, isto não é assim, pois, pela própria indiscriminação do Ego com o Outro, a função estruturante da imaginação pode misturá-los e criar metáforas à vontade, inclusive devido ao seu componente inconsciente. Mesmo assim, é muito difícil de compreender que o apego entre o Ego e o Outro que produz a literalidade seja, ao mesmo tempo, capaz de produzir uma grande transcendência na imaginação e tanta capacidade metafórica e simbólica.

É importante compreendermos isso para entendermos como é que **a posição insular matriarcal pode expressar o animismo, o mito, o sonho, a magia, a fé na totalidade e muitos sintomas difíceis de elaboração, como são as dependências químicas, a obesidade e muitos outros quadros patológicos, como, por exemplo, os crimes passionais.**

Tudo tem a ver com **a proximidade do Ego e do Outro na simbiose que permite a interpenetração dos dois e, ou seja, do Ego e do Outro com o Arquétipo Central.**

Vejamos, por exemplo, o princípio criador da mitologia dos Gagudju, chamado *Indiwandia* que criou todos os seres desde o início dos tempos e que agora se transformou naquela grande pedra que ali está diante de todos. Pelo fato de o Ego estar muito íntimo e até mesmo indiscriminado com a natureza, devido à coordenação da função estruturante da imaginação, o Ego pode operar dentro do animismo, no qual a energia ou força que o Ego sente seja vivenciada em toda a vida à sua volta, nos animais, nas plantas e nas forças da natureza. Inventando o nome de *Indiwandia* para a força criadora, o Ego, ainda muito misturado com o Arquétipo Central, assim, ao Gagudju nomeiam essa força e, através da imaginação, atribuíam a ela toda a evolução que culmina naquela pedra diante de nós. Dessa maneira, apesar do apego à literalidade, o Ego também está ainda indiscriminado com o inconsciente e com o Arquétipo Central e pode criar, pela imaginação, a riqueza da qual o Arquétipo Central é capaz. É essa a exuberância da magia, do animismo, e da religiosidade que tudo diviniza.

Pensem agora num menino de quatro anos brincando com um sapato e um travesseirinho. Ele acaba de inventar que o sapato é um leãozinho que quer comer o travesseiro que é uma vaca. Ele ouviu histórias que os leões devoram animais e sabe que uma vaca é um animal bastante comum, e quer agora representar um leão comendo uma vaca. No entanto, como ele agora está no quarto brincando, quer expressar sua fantasia e só tem um sapato e um travesseirinho à vista. Assim, é muito fácil que seu Ego projete neles o leão e a vaca e leve avante a sua brincadeira.

O mesmo se dá com a história do espírito criador e a pedra que agora passa a representar, para os Gagudju, a encarnação de Indiwandia. O Ego quer expressar a relação entre as coisas e a função estruturante da imaginação e o faz, animando as coisas da forma mais variada possível.

Vejam agora a porta da nossa sala que começamos a “animar” há duas aulas, para representar as inteligências arquetípicas. Dentro da segunda inteligência que é a insular matriarcal vamos imaginar que essa porta é responsável pelo aprendizado da Psicologia Simbólica Junguiana e que aos se abrir, ela permite ao aluno a iniciação no aprendizado. Por isso, ao atravessar a porta, o aluno sente que ele está sendo escolhido para aprender estes conceitos e que se ele atravessar o umbral da porta com o pé direito, ele aprenderá melhor os ensinamentos do dia.

Esta passagem se torna, assim, parte de um ritual mágico de iniciação e aprendizado.

Imaginem agora que um de nós sonhe com uma porta que dá para um jardim perfumado e outro, para um abismo de fogo. Numa cultura tribal, ele poderia se sentir obrigado a reunir a tribo e relatar esse sonho. A partir daí, com o tempo, a possibilidade da bênção ou da perdição na travessia da porta pode se transformar num ritual de passagem da iniciação da tribo. Assim, como entre os Gagudju, aqueles que desrespeitarem o ritual e entrarem de pé esquerdo na sala, correrão o risco de se transformarem num lagarto pelancudo. Nesse caso, a pessoa poderá começar a se sentir um lagarto pelancudo no seu desempenho amoroso ou profissional.

A grande dificuldade para se compreender a posição insular matriarcal além da proximidade do Ego e do Outro é que ela opera através da relação consciente-inconsciente. Assim, no caso da representação do sapato que virou um leão na brincadeira da criança, esta associação se fez inconscientemente, o que a torna impossível para a criança explicar. Por isso, a posição insular matriarcal se refere a ilhas na Consciência, que se comunicam pela intuição através das águas do mar, representantes do inconsciente.

Para nós é óbvio que o sapato virou o leão porque ele estava ali no momento em que o Ego da criança queria representar o leão devorando a vaca, mas, para a criança, essa associação ficou inconsciente.

A posição insular matriarcal trás o hábito que, depois de implantado na identidade individual ou coletiva, é de difícil alteração. Por isso temos que cultivar hábitos saudáveis nas crianças.

Pensemos, por exemplo, nos três grandes venenos alimentares da saúde das nossas tradições ocidentais: o excesso de sal, de açúcar e de frituras. Esses hábitos foram implantados durante séculos, nos quais não sabíamos como eles prejudicavam a saúde. Hoje que sabemos, queremos alterá-los, mas o apego insular matriarcal oferece uma resistência atroz.

Uma vez, durante uma viagem à Nova York, encontrei um casal de amigos que me recomendaram muito um restaurante na rua 42. Perguntei-lhes qual era esse cardápio tão especial. Eles me responderam: “_ arroz, feijão e farofa. Tem até mesmo cerveja brasileira, casco escuro, aquela que dá sorte!” Seu apego matriarcal à comidinha de casa era de tal ordem, que eles se reuniam com outros brasileiros, em Nova York, para comer, imaginem: arroz, feijão e farofa. É o hábito arraigado.

Como tudo na psique, a posição insular matriarcal também tem Sombra e não é pouca. Quanto mais poderoso for o arquétipo, símbolo, complexo ou função estruturante, maior sua capacidade de sofrer fixações e formar Sombra. A posição insular matriarcal

estava reprimida e desqualificada durante milhares de anos, mas, no século vinte, depois das duas grandes guerras, e durante a Guerra do Vietnã (1954-1975) a posição polarizada patriarcal caiu em descrédito e a insular matriarcal foi muito ativada e passou a ter uma atuação exuberante. Foi a **contracultura** inaugurada pelo grande símbolo do Festival de Woodstock (1969). Ele foi um verdadeiro festival dionisíaco que apresentou o culto da música, do sexo, da dança, do amor e dos estados alterados de consciência, principalmente com a maconha e o LSD sob o lema maravilhoso: “Faça amor, não faça a guerra”.

Mas tudo o que tem luz, tem Sombra com fixações e defesas. Assim, a exuberância matriarcal do pós-guerra foi acompanhada de doenças sexualmente transmissíveis (DST), inclusive a sífilis, que renasceram muito exacerbadas, junto com obesidade mórbida e os demais distúrbios alimentares, drogas e álcool que sofreram um grande incremento, e também com o narcotráfico, o crime, a violência e a corrupção que inundaram a cultura ocidental de Sombra.

A neurose e a defesa repressiva eram os grandes vilões da tradição patriarcal, mas com a exuberância matriarcal, a literalidade e a licenciosidade trouxeram a desestruturação das famílias, a psicopatia e o abandono das crianças. **Se a defesa repressiva é a grande causa da neurose, a defesa psicopática é a principal consequência da ferida matriarcal por abandono.**

No filme *A Guerra do Fogo*, vemos a representação da função estruturante do fogo, uma das mais importantes da civilização. Como toda função estruturante, ela é arquetípica e produz o bem, mas quando fixada, o mal. Sua criatividade trouxe a nós a capacidade de produzir a combustão, a interação química com o Oxigênio que é a nossa forma de produção de energia.

Durante três bilhões de anos, a atmosfera era dominada pelo hidrogênio, mas, há um bilhão de anos, as algas azuis se tornaram capazes de captar energia solar (fotossíntese) e de produzir oxigênio à partir da água (H₂O). A interação com o oxigênio, com o tempo, se tornou a principal fonte de combustão e de formação da flora e da fauna no planeta, como temos hoje.

Darwin e Levy-Strauss (*O Cru e o Cozido*) deram grande importância ao cozimento dos alimentos e o consideraram, com muitos outros antropólogos, o fator crucial que caracteriza nossa humanidade e nos diferencia de animais como “primatas cozinheiros”.

No entanto, ninguém havia pensado que o cozimento pode ter alterado a evolução dos hominídeos muito antes do surgimento do *Homo Sapiens*. No seu livro *Catching Fire*

(Pegando fogo), (2009), Richard Wrangham, antropólogo, biólogo e professor de Harvard, lançou **a hipótese de o cozimento haver transformado a evolução.**

Um pouco da Teoria da Evolução

Os **hominídeos** formam a família (taxonômica) dos primatas com quatro grandes gêneros: chimpanzés, gorilas, humanos e orangotangos.

O gênero humano data de 3 milhões de anos. A primeira espécie, o ***Australopithecus*** (*Austro* = sul e *pithecos* = macaco) data de 2.6 milhões de anos e coincide com a pedra lascada. Eles eram basicamente herbívoros, mas os demais primatas já comiam carne. A segunda espécie foi o ***homo habilis*** e data de 2,3 milhões de anos. Eles eram onívoros e comiam muita carne. Eles coincidem com a pedra polida e eram capazes de fazer lanças, facas e machados. Seu cérebro era duas vezes maior que o dos primatas não humanos. Seus braços ainda eram compridos, indicando que eles andavam também nas árvores. A terceira espécie foi o ***homo erectus***, já muito parecido conosco e situado entre 1,8 e 1,9 milhões de anos. Finalmente, temos a quarta espécie, ***homo sapiens***, iniciada há 200.000 anos atrás.

Uma das características para explicar a evolução do gênero humano, foi eles comerem carne e caçarem, o que explicaria a evolução dos *australopitecos* para os *habilis*. **O que a teoria da evolução traz de novo é explicar a hipótese da transição dos *habilis* para os *erectus* pela ação do alimento cozido.**

Para assumirmos a hipótese do alimento cozido na transformação física do gênero homo de *homo habilis* para *homo erectus*, **temos que assumir o uso doméstico do fogo há mais de dois milhões de anos.** Ao fazê-lo, podemos entender a hipótese de Wrangham, segundo a qual, o alimento cozido tornou a alimentação muito mais fácil e rápida pela facilidade da mastigação e da deglutição. A dieta foi muito modificada com a diminuição das raízes e o aumento da carne. **A boca, os dentes, a mandíbula, a face e os músculos masseter e temporais se tornaram muito menores. A testa aumentou e, junto com ela, a caixa craneana que pode abrigar um cérebro muito maior.** Por outro lado, o estômago e o trato intestinal diminuíram muito, encurtando o tempo de digestão e de absorção e deixando muito mais energia livre para outras ocupações.

Se concordarmos com essa hipótese, o fogo adquire um papel muito mais antigo e mais fundamental na evolução, pois passa a fazer parte da própria evolução física que gerou a espécie *homo sapiens*.

Aos poucos a função estruturante do fogo foi sendo incorporada na humanização e transformando a vida individual e a vida cultural. Surgiu a cerâmica que revolucionou o

transporte de água e de alimentos e, logo a seguir, a metalurgia do cobre, do bronze e do ferro que marcaram verdadeiras etapas na civilização e que culminaram no motor à explosão e na era industrial.

Poucas foram as funções estruturantes que tanto fizeram. O domínio do fogo pela Consciência e pela Sombra, por sua capacidade de criação e destruição, se tornou um verdadeiro fiel da balança da nossa sobrevivência. Isso veio a se consolidar com o controle da fissão nuclear transformado em usinas nucleares de produção de energia, mas também em armas de genocídio, que hoje nos aterrorizam.

A elaboração simbólica desta importante função, na história da humanidade, passa da posição indiferenciada, na qual o fogo é vivenciado como acontecimento imprevisível, para a posição insular matriarcal na qual começa o seu manuseio precário, para a posição patriarcal na qual surge a “arma de fogo”, depois para a alteridade e a ciência, na qual se desenvolve até hoje a tecnologia.

Junto com esse controle do fogo situado no filme *A Guerra do Fogo*, que analisaremos hoje e que se passa num passado que não sabemos quando ocorreu, acompanharemos a humanização de muitas funções estruturantes como a cerâmica, a pintura corporal, a sexualidade, o humor, a interação inteligente com os mamutes e, até mesmo do amor que enseja a jornada heróica do protagonista junto a uma etnia mais desenvolvida que a sua.

Reitero que a Psicologia Simbólica Junguiana é parte da ciência simbólica e do humanismo simbólico. Assim sendo, ela busca estudar o desenvolvimento simbólico da Consciência individual e coletiva, através dos símbolos e funções estruturantes elaborados pelas cinco inteligências arquetípicas do Ser que são: indiferenciada (Arquétipo Central), insular (Arquétipo Matriarcal), polarizada (Arquétipo Patriarcal), dialética (Arquétipos da Alteridade, Anima e Animus) e contemplativa (Arquétipo da Totalidade).

Desta maneira, a Psicologia Simbólica Junguiana busca acolher **os fatos ou vivências** como **símbolos estruturantes** e **as funções** como **funções estruturantes**, seja dentro das escolas de psicologia, seja dentro de quaisquer outras disciplinas, ou da história da vida individual e coletiva em geral.

A função estruturante do fogo é tão importante para o processo civilizatório, que ela nos permite acompanhar o ser humano desde os tempos mais arcaicos com seu comportamento ainda muito próximo dos animais, quando a sexualidade, a fome e a sobrevivência nos aproximava e irmanava. Esse acompanhamento nos leva até o ápice da ciência atingido com o controle da energia nuclear, o fogo do átomo.

O filme nos mostra a luta dos grupos humanos pela posse do fogo, oriundo dos incêndios das florestas e a evolução até o Ego aprender a técnica de produzi-lo. A seguir, registramos o surgimento da carne cozida, que aumentou sua facilidade de mastigação e sua preservação. Seguiu-se o advento da cerâmica. Com o cozimento do barro tivemos a criação de utensílios para cozinhar, armazenar e transportar água e alimentos e também da arte para lhes dar forma e cor. Outra consequência do uso do fogo no início do seu domínio foi a capacidade de derreter substâncias para pintas iutensílios e o próprio corpo. Desta maneira, ativaram-se muitas funções estruturantes que influenciaram a formação da identidade e da cultura. Os efeitos do fogo, na dimensão objetiva, nos levaram para a função estruturante da tecnologia, que criou a metalurgia e, na dimensão subjetiva, para um sentimento de poder e de domínio sobre a fauna, a flora e os ingredientes da terra.

Essa transformação é representada, no filme, junto com o relacionamento afetivo entre o homem e a mulher, que começam a transcender o estupro como forma habitual de encontro. É muito cativante e simbolicamente significativa a mudança do ato sexual com a mulher na posição de costas para a posição de frente, em determinada passagem do filme.

A mitologia grega deu grande importância à conquista do controle do fogo e ao seu perigo para a civilização no Mito de Prometeu e de Epimeteu. Este mito é um belo e terrível exemplo de como a posição insular matriarcal favorece a imaginação e a criação dos mitos para explicar e prever o futuro de nossas experiências com a vida e com a natureza.

Na religião grega antiga, a posse do fogo foi delegada a Zeus, deus supremo e projeção do Arquétipo Central. A vivência do fogo foi, desde o início, associada a uma grande capacidade prospectiva transformadora, criativa e destrutiva do ser humano e isto foi projetado na competição entre os homens e os deuses. (*Mitologia Grega*, tomo 2, Junito de Souza Brandão, Ed. Vozes).

Zeus havia derrotado a dinastia dos titãs, aprisionado Kronos, seu pai, e implantado a dinastia olímpica casando-se com sua irmã Hera.

Numa competição entre os deuses e os homens, Prometeu, primo de Zeus, filho do titã Jápeto e da oceânide Clímene, favoreceu os homens e ganhou de Zeus uma disputa na escolha da melhor parte de um boi enorme. Ele dividiu o boi em duas partes. Uma tinha a carne e as entranhas cobertas pelo couro do animal. Outra tinha apenas os ossos cobertos com a gordura do boi. Zeus escolheu a segunda e perdeu a competição com Prometeu.

Neste mito, a criatividade e a ambição humanas foram projetadas na inteligência de Prometeu.

Já humilhado pela derrota, Zeus se enfureceu ainda mais quando Prometeu trouxe o fogo para os humanos, à sua revelia. Para puni-lo, ele o acorrentou a uma montanha no Cáucaso e enviou uma águia para devorar seu fígado, símbolo da energia da vida.

Vejam como a imaginação arquetípica converteu, por uma metáfora, a preocupação com a dualidade inerente ao perigo no emprego do fogo, com uma luta familiar envolvendo as funções de competição e disputa do poder, roubo, castigo e tortura. Uma ilustração dramática de como o mito expressa a realidade histórica passada, presente e futura da psique.

Tentem acompanhar o desenrolar do mito com um esforço de vocês próprios para representar numa história, os perigos que nos despontavam com a integração do fogo pela função controladora do Ego. Por outro lado, percebam que Prometeu representa nosso fascínio e ambição.

A águia de Zeus executa o seu poder. Acorrentar Prometeu e mandar devorar seu fígado, que à noite se regenera, ilustram a necessidade de controlar o fogo devorando a origem corporal dessa ambição. Contudo, nem mesmo Zeus conseguiu dominar essa fúria titã e, por isso, ele próprio permite a Herácles, seu filho e herói preferido, flexar sua águia e liberar Prometeu. Trata-se do drama humano ante a tradição que busca manter e controlar e a criatividade titânica que quer sempre ir além.

Como função estruturante de extraordinária importância, inúmeras são as outras funções ativadas pela função estruturante do fogo também na mitologia. Percebam essa ativação em rede quando a figura de Epimeteu, irmão de Prometeu, entra em cena. Prometeu (*pro*) é o que reflete antes de agir e Epimeteu é quem age e pensa depois (*epi*). Nada mais propício para que a vingança de Zeus atue também sobre Epimeteu.

Zeus encomendou ao deus ferreiro Hefestus que esculpisse em argila e animasse uma linda mulher. Palas Atenas lhe ensinou a tecelagem, Afrodite, uma irresistível beleza, Hermes ensinou-lhes as artimanhas, as Graças e a Persuasão adornaram-na com lindos colares. Por fim, Hermes lhe deu a palavra e o nome Pandora, que significa que todos os deuses do Olimpo (*Pan*) lhes deram presentes (*dora*) para levar numa linda caixa, para seu casamento com Epimeteu. Por curiosidade, Pandora abriu a caixa, e assim, libertou todos os males que nos atormentam. Lembrem-se que a metalurgia (Hefestus) foi uma das grandes consequências do uso do fogo na história da humanidade. Apenas a esperança não conseguiu sair da caixa e ali permaneceu para nos ajudar. Desta maneira

o controle do fogo se mitologicamente tornou inseparável dos nossos tormentos e de nossas transformações.

Vejam como a extraordinária imaginação, que criou este mito, representou também o surgimento do Mal entre nós e o Mito Judaico-Cristão o situou na essência do inferno (o fogo eterno).

Para justificar o Mal, Freud concebeu o instinto de morte (vejam Freud “Além do Princípio do Prazer”). Seguindo a criatividade do Mito de Prometeu e de muitos outros, a Psicologia Simbólica Junguiana, desenvolveu o conceito de função estruturante normal, cuja fixação, descoberta por Freud, deforma o normal e forma as defesas que são a expressão da Sombra e do Mal. O mito de Prometeu é muito ilustrativo, pois representa, por associações simbólicas, que o fogo não é o Mal, pois, pelo contrário é muito criativo e pode criar inúmeras maravilhas para a humanidade. No entanto, o seu uso inadequado, deturpado e frequentemente intencionalmente destrutivo, i. é, sua fixação neurótica e psicopática, é uma fonte incomparável para produzir o Mal.

Assim, não é por acaso que o Mal que a humanidade já produziu e continua produzindo é comparável ao Bem do qual tanto nos orgulhamos. O Bem e o Mal são tão comparáveis em tamanho, porque um se origina e se transforma no outro. São nossas funções estruturantes normais fixadas que formam nossa Sombra e o Mal em nós, e, ao mesmo tempo, é a dedicação ao confronto de nossa Sombra que permite resgatar os símbolos nela fixados e gerar o Bem. Não é por acaso que o Mito Cristão descreve a elaboração do pecado (fixação e Sombra) como o caminho da autorealização e da salvação.

Na próxima aula estudaremos **a função estruturante da inveja**, com toda sua capacidade normal como inveja criativa e também com sua capacidade que pode se tornar terrivelmente destrutiva, quando ela é fixada e se torna destrutiva.

Leiam, antes e depois da aula, o meu livro *Inveja Criativa*, que abordará o drama de Mozart e Salieri, que veremos em trechos do filme *Amadeus*, durante a aula.

Boa semana a todos e até quinta-feira,

Byington